

# ***Domina Vrbs: cotidiano e sociabilidades na Roma de Marcial***

*'Domina Vrbs': daily life and sociability  
in Marcial's Rome*

**Virgínia Soares Pereira\***

**Resumo:** Marcial (c.40-c.103 ou 104), poeta hispânico do século I d.C., deixou o seu nome indelevelmente ligado ao género epigramático e mais especificamente ao epigrama satírico. Qual verdadeiro repórter, espelha na sua obra atitudes, usos e costumes, o *modus uiuendi* dos homens e da Roma do seu tempo. O presente artigo propõe-se percorrer, na companhia de Marcial, alguns dos principais tempos e espaços do quotidiano e das sociabilidades em Roma.

**Résumé:** Martial (c.40-c.103 ou 104), poète hispanique du Ier siècle a.C., a laissé son nom indélébilement lié au genre épigrammatique et, surtout, à l'épigramme satyrique. Tel un vrai reporter, il met en évidence, dans son œuvre, les attitudes, les us et coutumes, le *modus uiuendi* des hommes, ainsi que de la Rome de son temps. Cet article a le propos de parcourir, avec Martial, quelques principaux temps et espaces du quotidien et des sociabilités à Rome.

**Palavras-chave:**

Marcial;  
Epigrama;  
Sociabilidades;  
Patronato.

**Mots-clés:**

Martial;  
Épigramme;  
Sociabilités;  
Patronat.

---

Recebido em: 16/11/2015  
Aprovado em: 18/12/2015

---

\* Docente aposentada da Universidade do Minho, na área de Estudos Clássicos. Fez a licenciatura em Filologia Clássica, o Mestrado em Literatura Novilatina em Portugal e o Doutorado em Ciências da Literatura – Literatura Latina. Lecionou várias disciplinas, em cursos de graduação e pós-graduação, a saber: Latim, Grego, Introdução aos Estudos Clássicos, Literatura e Cultura Greco-Latina, Linguística Grega e Latina. Atualmente, pertence ao Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.

Audio Valerium Martialem decessisse, et moleste fero. Erat homo ingeniosus, acutus, acer et qui plurimum in scribendo et salis haberet et fellis, nec candore minus.

Soube da morte de Valério Marcial e sinto pena. Era um homem talentoso, penetrante, vigoroso, que na sua escrita punha muito sal e fel, mas também muita delicadeza (Plínio-o-Moço, *Epist.* 3.21.1).

Considerado o maior epigramatista da literatura ocidental, M. Valério Marcial (c. 40 - c. 104), poeta hispânico do século I d.C., deixou o seu nome profundamente ligado ao género epigramático e mais especificamente ao epigrama satírico.<sup>1</sup> “Il poeta di Roma vivente” (como dele disse Enrico Paoli) dedicou o seu tempo a observar e a retratar, com olhos de verdadeiro repórter, as atitudes, os usos e costumes, o *modus uiuendi* dos homens e da Roma do seu tempo. Na opinião de Kardos (2001, p. 387), referindo-se à Roma que Marcial tão bem retratou: “Ses vers la ressuscitent à nos yeux, avec ses aspects pittoresques, sa population cosmopolite, son animation quotidienne.” E, na verdade, a obra de Marcial não se entende sem a presença da Urbe na qual decorreu grande parte da sua vida,<sup>2</sup> pois aí viveu cerca de trinta e quatro anos (de 64 a 98).

Mas a vida em Roma, depois da morte de Domiciano, em 96, era quase impossível a quem muitas vezes bajulara o imperador, e assim o poeta, almejando o repouso que Roma lhe negara, deixará a cidade e passará os últimos anos já em BÍlbilis, sua terra natal, na Hispânia Tarraconense. Aqui morre c. 103 ou 104, com saudades da vida que vivera em Roma, saudades dos amigos, dos lugares de passeio e de lazer, da vida buliçosa mas intelectualmente estimulante, vivida “dentro das admiráveis muralhas de Roma imperial” (10.103.9), *moenia dum colimus dominae pulcherrima Romae*, como se depreende da epístola introdutória ao livro XII, escrito da Hispânia, na qual se queixa do ambiente limitado e incómodo da província e da ausência de estímulos culturais, que lhe dessem matéria para poetar. Como diz nessa epístola prefacial, faltavam-lhe os ouvintes e a sua crítica arguta, as bibliotecas, os teatros, as tertúlias. “A vida romana era a verdadeira fonte da sua poesia”, afirmou Citroni (2006, p. 877), e nada disso, tertúlias e público, o Bilbilitano encontrava na terra natal. Também para Brandão (2012, p. 161), “A poesia de Marcial não pode ser separada de Roma, caso contrário torna-se em grande parte incompreensível.” E, de facto, a literatura epigramática é “eminentemente uma literatura embebida nas relações sociais do

<sup>1</sup> Nota prévia: O texto latino dos epigramas transcritos no presente artigo procede da edição francesa das Belles Lettres (MARTIAL, 1969-1973); quanto à tradução, é, com raras excepções, a da edição portuguesa de Marcial (2000-2004). Por motivos de economia de texto, alguns epigramas mais longos foram alvo de cortes devidamente assinalados.

<sup>2</sup> Do poeta chegaram até nós quinze livros de epigramas: os *Epigrammata* (*Epigramas*) em doze livros, publicados entre 86 e 101-102 d.C. – e que são o título de glória de Marcial –, que se seguiram a um *Epigrammaton Liber* (hoje conhecido como *Liber Spectaculorum*), composto em 80 d.C. a respeito e por ocasião dos Jogos da inauguração do Anfiteatro Flávio (vulgo Coliseu), e a dois livros de epigramas de conteúdo específico, compostos em dísticos, intitulados *Xenia* (presentes oferecidos pelas Saturnais) e *Apophoreta* (presentes oferecidos pelo anfitrião), editados entre 84-85.

momento em que é produzida” (LEITE, 2011, p. 65). Assim acontece com os mais de 1500 epigramas de Marcial, nos quais é o cotidiano da vida e das relações em Roma que se lê, que se vê. A sua obra assemelha-se a uma gazeta em verso, e constitui um inestimável documento sociológico e uma fonte literária incontornável para o tratamento do tema do cotidiano e das sociabilidades em Roma, sendo, como é, reveladora de vários tipos sociais e de diversas formas de relação entre *patroni* e *clientes*, decorrentes de uma rígida pirâmide social em que só o *princeps* não tinha nenhum *patronus*.

## Marcial e o epigrama

Os epigramas<sup>3</sup> de Marcial constituem, a par das sátiras de Juvenal e das cartas de Plínio-o-Moço, um autêntico espelho da vida social em Roma na segunda metade do século I d.C. e nas duas primeiras décadas do século II. Em registos diferentes, que vão do humor e da serena ou cáustica caricatura à indignação da sátira e à representação elegante das cartas, todos apresentam um olhar crítico sobre a sociedade sua contemporânea. Todos se queixam da pouca generosidade dos *patroni*, pertençam estes ou não à nata da sociedade, e todos lamentam a perda de tempo que o sistema clientelar romano implica, seja por parte do *cliens* (como Marcial e Juvenal), seja por parte do próprio *patronus* (caso de Plínio-o-Moço). Por isso, todos manifestam o desejo de sair da constante agitação da grande cidade e descansar no campo, na sua *uilla*, em busca da tranquilidade que lhes permita escrever.

Mas Marcial, que fez do epigrama o seu género exclusivo, “l’única forma della sua poesia” (CONTE, 1995, p. 423), tem uma vantagem suplementar sobre os outros dois: a dimensão da sua obra, melhor dizendo, do epigrama. Em poucos versos (dois, quatro, oito versos, em geral; por vezes, alguns mais), o poeta de BÍbilis consegue fixar a impressão de um momento, retratar um tipo, um acontecimento, um pormenor e, na grande maioria dos casos, torná-los fonte de riso. Os seus epigramas (maioritariamente em dísticos elegíacos e hendecassílabos) são poesia curta de circunstância, poesia mundana, poesia celebrativa, poesia de adulação, poesia de polémica e jocosa, poesia de crítica política e social, servida por um vivo efeito espirituoso no final da composição (o chamado *fulmen*

---

<sup>3</sup> O vocábulo grego *epigramma* equivale ao latim *inscriptio* e começou por se referir a textos, geralmente em verso, gravados ou inscritos sobre objectos votivos ou sobre monumentos celebrativos ou funerários. Aos poucos, porém, foi conquistando o terreno da literatura e alargando o leque de temas, do vinho ao amor, e do humor mais ou menos melancólico à crítica mais ou menos acerada a múltiplos aspectos (políticos, sociais, culturais) da vida, sem contudo esquecer a tradição do epigrama fúnebre e do epigrama amoroso. Para uma breve história da poesia epigramática, desde o séc. VII a.C., na Grécia, até Marcial, em Roma, vejase Izaac, 1969, p. V-VIII, Citroni, 2006, p. 877-889, e Pimentel, 2000, p. 15-18. Para um conhecimento alargado do epigrama (grego e latino), vd. Laurens, 1989; sobre o epigrama de Marcial, Laurens, 1989, p. 215-256.

*in clausula*, o ferrão, a piada acutilante). E tudo isto vertido numa composição miniatural. Alguns epigramas, poucos, resumem-se mesmo a um único verso. Sirva de exemplo o seguinte, admirável pela sua extrema concisão (8.19):

*Pauper uideri Cinna uult, et est pauper.*  
Cina quer parecer pobre, e é mesmo pobre.

Aqui, a ridícula afectação de pobreza (pois o normal é que se afecte ser rico...) é denunciada e zurzida de forma lapidar, incisiva, inesperada, num único verso. Com a particularidade de esse verso, único, começar e terminar com o mesmo qualificativo, *pauper*, a sublinhar a condição social, indisfarçável, de *Cinna*: a sua pobreza. Eis como a arte de um verso consegue exprimir a tensão entre o ser (*esse*) e o parecer (*uideri*), resumindo-a na mais pura evidência...<sup>4</sup>

Este epigrama, apesar de brevíssimo, condensa em si quase todas as características do epigrama marcialesco: a brevidade e concisão, o final inesperado, a crítica humorística. Falta-lhe apenas a presença do interlocutor e do diálogo, que são uma constante do epigrama de Marcial e sinal de sociabilidade, real ou ficcionada. Como se o poeta mantivesse com alguém, ao longo dos quinze livros de epigramas, uma conversa sobre os mais diversos assuntos, geralmente em tom humorístico e com variadíssimos destinatários, interlocutores ou alvos da crítica.

O próprio Marcial se refere ao seu epigrama como sendo uma composição breve e vívida (*breue uiuidumque carmen*, 12.61.1), que se caracteriza por marcar com o ferro a fronte de quem é por ele atingido. Num outro epigrama (espécie de prefácio-dedicatória ao amigo Torânio, que abre o Livro IX), o poeta apresenta-se (ao leitor) como o melhor autor de *nugae*, de poemas-bagatelas, de ninharias. Em seu entender, a matéria de que trata é, pode ser, de pouco valor; não obstante, e apesar desse (suposto) pouco valor, colhe a simpatia do leitor, e por isso está convicto de que será lido e relido, e assim alcançará a fama. É um sinal de que reivindica para o género epigramático um lugar de relevo na sociedade do seu tempo, apesar de o situar no âmbito dos géneros ditos "menores" (em contraposição ao estilo grandioso dos poetas épicos ou trágicos; vd. 8.3.11-22). A vantagem do recurso a este tipo de composição é permitir representar caleidoscopicamente uma

<sup>4</sup> Quanto ao nome próprio *Cinna*, advirta-se desde já que é, como a generalidade dos nomes das figuras alvejadas pela crítica de Marcial, um nome fictício. Não é possível saber, em rigor, quem era este Cina. Nem isso importa. É que, como adverte o epigramatista em 10.33, o seu propósito é *parcere personis, dicere de vitiis*, isto é, "poupar as pessoas, divulgar os vícios". Ele mesmo adverte o destinatário, ou o leitor, sobre o carácter ficcional dos nomes próprios que vão surgindo nos epigramas. Assim, em 2.23.1-2: *Non dicam licet usque me rogetis / qui sit Postumus in meo libello*. ('Não direi, nem mesmo que me supliquem, / quem é Póstumo nos meus epigramas'). Ou então (9.95b): *Nomen Athenagorae quaeris, Callistrate, uerum. / Si scio, dispeream, qui sit Athenagoras*. ('Queres saber, Calístrato, o verdadeiro nome de Atenágoras. / Raios me partam, se sei quem seja Atenágoras').

realidade quotidiana multiforme e cheia de contrastes e contradições, - “uma forma, pois, escolhida em nome de uma exigência de realismo” (CITRONI, 2006, p. 879).

Marcial di-lo-á de forma magistral no epigrama 10.4, dirigido a Mamurra, que apenas apreciava composições de tema mitológico (vv. 7-10):

*Quid te uana iuuant miserae ludibria chartae?  
Hoc lege, quod possit dicere uita: “Meum est.”  
Non hic Centauros, non Gorgonas Harpyiasque  
inuenies : hominem pagina nostra sapit.*

Que prazer tiras dos vãos fingimentos de um mísero papel?  
Lê isto, de que a vida possa dizer: “É meu.”  
Nem Centauros, nem Górgonas e Harpias aqui  
encontrarás: a minha página tem sabor ao Homem.

A famosa frase *hominem pagina nostra sapit* (v. 10), contrapondo-se às ninharias dos temas mitológicos continuamente versados, aponta para o realismo dos epigramas de Marcial e adesão à vida concreta, pois que reflectem o quotidiano e a vida da Urbe, com as contradições e os paradoxos da vida humana. Mas, naturalmente, uma “realidade” deformada, que sublinha os traços grotescos e os transforma em tipos.

Há contudo um outro aspecto a ter em conta na interpretação do epigrama de Marcial. Como lapidarmente escreve o próprio (1.4.8), *Lasciua est nobis pagina, vita proba*, isto é, há que distinguir entre arte e vida. É um erro pensar que a poesia se constitui como uma fiel biografia dos seus autores, o que pode levar à confusão entre matéria literária e aspectos biográficos do autor. Uma coisa é o sujeito epigramático, um eu de papel, ficcional, criado pelo autor com determinado propósito; outra, bem diferente, é o eu empírico, a saber, a figura histórica do autor. O eu dos epigramas cómico-satíricos “não passa de um expediente usado para que as múltiplas observações sobre costumes adquiram mais vivacidade, de modo que pareçam oriundas da experiência directa de quem as formula” (CITRONI, 2006, p. 885). Além disso, os poetas satíricos mesclam a realidade circundante (matéria dos seus poemas) com a sua própria experiência pessoal e com os modelos literários a que se vinculam.<sup>5</sup>

Por último, convém sublinhar que os epigramas de Marcial comungam, em grande parte, do espírito das Saturnais, onde a liberdade de expressão era total, como se pode ler em 11.6.1-8. É esse o motivo pelo qual Marcial avisa, no prefácio ao livro I, que os seus epigramas são escritos para aqueles que costumam assistir aos Jogos Florais (os *Ludi Florales*), “festividade marcada pela licença dos mimos e outras atracções (PIMENTEL, 2003, p. 180). Por isso, nesse mesmo prefácio avisa que a linguagem poderá ser brejeira,

<sup>5</sup> Sobre esta matéria, veja-se Laurens (1989, p. 25) e Baptista (2009, P. 527-8).

mas isso deve-se à tradição do epigrama. É a lei do género, como diz em 1.35.10: *Lex haec carminibus data est iocosis*. Esta lei respeita em particular a epigramas que remetem para a esfera sexual e não recuam perante o vernáculo mais ousado, chamando as coisas pelo seu nome. Em contrapartida, encontramos também epigramas de grande delicadeza de sentimentos e de pendor mais reflexivo. Sirva de exemplo o seguinte, reflexo das desigualdades sociais, que tendem a agravar-se:

5.81 *Semper pauper eris, si pauper es, Aemiliane:  
dantur opes nullis nunc nisi diuitibus.*

Sempre pobre serás, se pobre és, Emiliano.  
Agora não se dão bens a ninguém, senão aos ricos.

### **A domina Vrbs**

Marcial viveu trinta e quatro anos em Roma. Chegara jovem, cheio de esperança, mas a vida não lhe seria fácil. Os anos passaram e, como escreve em 10.103.10, em Roma envelheceu.<sup>6</sup> A capital do império tivera tanto de atractivo como de desgostante e desgastante. Era a Urbe das oportunidades para quem, ido da província, procurava na grande cidade o que a cidade da província lhe negava. Mas esta visão positiva de um *el dorado* romano não correspondia inteiramente à realidade. Daí que, a par de epigramas nos quais o poeta louva as maravilhas de Roma, surjam tantos outros que dizem mal das condições de vida dos tipos miseráveis que enxameiam a cidade. É que a Sorte não sorria a todos. Muito menos a quem procurasse viver honestamente. Por isso, Marcial – que não era advogado, mas sim poeta e *cliens* – pôde aconselhar um tal Sexto, avisando-o de que, se quisesse viver em Roma como advogado, como poeta, como *cliens*, o mais certo seria passar fome. E o poema termina (3.38): *Si bonus es, casu uiuere, Sexte, potes*, “Se és honesto, Sexto, por obra da Sorte poderás viver.” Falaria o desencanto de quem passou momentos difíceis na capital do Império. É que havia a Roma dos ricos e a Roma dos pobres. Assim o documentam dois epigramas (5.20 e 5.22) que registam dois estilos de vida, associados a lugares precisos: de um lado, o périplo cansativo de um *cliens* que percorre as ruas da velha cidade, por sendas estreitas e em declive, para cumprir o dever de ir saudar, manhã cedo, os *patroni*; por outro, os largos espaços da *Roma noua*, as zonas airosas de passeio e lazer.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> *Mutauere meas Itala regna comas*, “Mudaram o meu cabelo as regiões de Itália.”. A mesma ideia fora expressa em X, 96, 2: [...] *Latia factus in urbe senex*, ‘eu que envelheci na capital do Lácio’.

<sup>7</sup> Kardos (2001) traduz muito bem esta diferença, quando comenta estes dois epigramas. De resto, todo o artigo é um manancial de informações úteis sobre a Roma de Marcial. Vd. também Brandão (2012).

Quando Marcial fala de Roma, a cidade que nos apresenta é a Roma dos locais de convívio entre amigos (como em 12.34, dedicado ao amigo Júlio Marcial), mas é também a Roma do cansaço, dos *officia* a que o *cliens* está obrigado e aos quais nem um cônsul se pode eximir (10.10),<sup>8</sup> da azáfama das ruas comerciais (7.61) e do barulho constante (12.57.4-17). Na opinião do epigramatista, viver em Roma tornava-se duplamente insuportável: não conseguia descansar, nem de dia nem de noite. De dia, pelas obrigações clientelares apontadas; de noite, porque, como dizia numa imagem muito impressionante, *ad cubile est Roma* (12.57.27), isto é, “tenho Roma à cabeceira”. Respondia, desta forma, a um tal *Sparsus*, que lhe perguntava qual o motivo que o levava a retirar-se tantas vezes para a sua casa de campo (12.57. 1-4 e 26-28):

*Cur saepe sicci parua rura Nomenti  
laremque uillae sordidum petam, quaeris?  
Nec cogitandi, nec quiescendi  
in urbe locus est pauperi. [...]  
Nos transeuntes risus excitat turbae,  
et ad cubile est Roma. Taedio fessis  
dormire quotiens libuit, imus ad uillam.*

Porque busco amiúde o recanto árido de Nomento  
e o humilde lar da minha quinta – queres saber?  
Para pensar, Esparso, ou para descansar  
na Urbe o pobre não tem lugar. [...]  
A mim acorda-me o riso da multidão que passa,  
e tenho Roma à cabeceira. Moído de fadiga,  
se me apetece dormir, lá vou até à quinta.

Entre tantas injustiças sociais, havia mais esta: dormir era um privilégio de ricos. Idêntica era a opinião de Juvenal, que afirmava (3.235): *Magnis opibus dormitur in Vrbe*, isto é: “Em Roma, para poder dormir, é preciso ter muito dinheiro.” A sátira a que pertence esta afirmação documenta, descontados eventuais exageros próprios do género, a vida miserável e desconfortável na capital do Lácio: os carros que durante o dia não podiam circular na cidade, faziam-no de noite com o maior estrépito; a isto associavam-se as vozes dos noctívagos, as serenatas dos apaixonados, as cantorias dos bêbados, os pregões dos padeiros, os berros dos mestres-escola; em suma, ruídos e mais ruídos que entram pelas paredes ténues das *insulae* nos quais habitam os menos endinheirados.

Além de não conseguir descansar, Marcial também não conseguia exercer o seu ofício de poeta, tantas eram as solicitações e a correspondente falta de condições e de tempo. Em 10.58.6-7, o sujeito epigramático queixa-se: *Nunc nos maxima Roma terit. /*

<sup>8</sup> Lembre-se que, apesar de estar no polo oposto da escala social, também Plínio-o-Moço se queixava dos imensos *officia* que lhe ocupavam o dia de *patronus* e grande senhor. Fá-lo na *Ep.* 1.9, que descreve um dia muito absorvente e, por vezes, preenchido com múltiplas actividades pouco relevantes e uma intensa vida social, cumprindo solicitações de amigos e clientes.



*Hic mihi quando dies meus est?*, “Agora, a gigantesca Roma nos sufoca. / Aqui, quando sou dono do meu dia?”<sup>9</sup> A gigantesca Roma oprime. Ao poeta, que sobrevivia sendo *cliens* de *patroni* nem sempre generosos, oprimeo a obrigação de se dirigir todos os dias, envergando a toga, a casa de vários *patroni*, para a *salutatio matutina* e para receber a conseqüente *sportula*, que lhe permitiria sobreviver mais um dia. Que tempo lhe sobrava para si e para a sua actividade poética? Por isso, um dia decide enviar um livro a saudar o seu patrono e amigo Prócuro, com a desculpa de que, se for cumprir à regra todos os ofícios inerentes à sua condição de cliente, não lhe sobrar tempo para dedicar ao seu ofício de poeta, como confessa no final do epigrama 1.70 (vv. 18-20):

*Si dicet “Quare non tamen ipse uenit?”,  
sic licet excuses: “Quia qualiacumque leguntur  
ista, saluator scribere non potuit”.*

Se ele [sc. o patrono] disser: ‘Mas porque não veio ele próprio?’ assim me debes desculpar: ‘Porque, seja qual for a apreciação destes versos, quem vem saudar não os teria podido escrever.’

Idêntico queixume surge no epigrama 11.24. Com o exagero do costume, o poeta lamenta o tempo perdido a servir Labulo, pois só escreveu uma página em trinta dias, e remata dizendo que isso acontece por não querer jantar em casa:

*Dum te prosequor et domum reduco,  
aurem dum tibi praesto garrienti,  
et quidquid loqueris facisque laudo,  
quot versus poterant, Labulle, nasci !  
[...] Hoc, Labulle, uerum est ?  
Hoc quisquam ferat ? ut tibi tuorum  
sit maior numerus togatorum,  
librorum mihi sit minor meorum ?  
Triginta prope iam diebus una est  
nobis pagina uix peracta est. Sic fit  
cum cenare domi poeta non uult.*

Enquanto te escolto e a casa te acompanho,  
enquanto presto atenção à tua tagarelíce  
e quanto dizes e fazes me ponho a aplaudir,  
quantos versos, Labulo, poderiam ter nascido!  
[...] Pode lá isto ser, Labulo?  
Pode alguém suportá-lo? Que, para ser maior  
o número dos teus clientecos togados,  
seja menor o número dos meus livros?  
Já quase trinta dias são passados e ainda uma  
página mal tenho completa. É o que acontece,  
quando jantar em casa um poeta não quer.

<sup>9</sup> Sobre esta matéria, veja-se Castagnoli (1950, p. 67-78) (elenco, com alguns comentários, de lugares ou monumentos referidos por Marcial nos epigramas); Kardos (2001, p. 387-413); Leite (2003); Torrão e Andrade (2008, p. 77-79); Brandão (2012, p. 154-158).



“É o que acontece, quando jantar em casa um poeta não quer”, dizem os dois versos finais. Renunciando à possibilidade de uma carreira no fórum, a fim de seguir a sua vocação de poeta, e perante a necessidade de assegurar o seu sustento mediante a ajuda de patronos e mecenas (vd. Citroni, 2006, p. 874), Marcial torna-se, como tantos outros, e a contragosto, *cliens matutinus* (12.68.1). Em dada altura, cansado de Roma, decide passar algum tempo em *Forum Corneli* (hoje, Ímola), na Gália Cispadana. Aí editou o livro III e no epigrama 3.4, entabulando diálogo com o volume, que vai enviar para Roma, manda-o responder, a quem lho perguntar, que saiu de Roma por estar cansado de usar, sem proveito, a toga (vv. 5-6):

*Cur absim, quaeret; breuiter tu multa fatere:  
“Non poterat uanae taedia ferre togae.”*

Perguntarão o motivo da minha ausência: confessa tudo nestas poucas palavras:  
“Já não aguentava suportar os estéreis desconfortos da toga.”

Como aqui, é frequente o sujeito epigramático queixar-se da magreza dos auxílios que os *patroni* lhe prestavam. O epigrama 6.82, por exemplo, regista a dúvida de um tal Rufo, que não percebe como é que um poeta já tão reconhecido como Marcial veste um manto fraco (v. 11: *Cur ergo, inquit, habes malas lucernas?*), a que o poeta responde usando ironicamente o mesmo epíteto (v.10): *quia sum malus poeta* (“porque sou um mau poeta”).<sup>10</sup> Queixa semelhante ocorre em 9.100: por três denários, que não chegam para substituir uma toga velha, o *cliens* é forçado a ir à casa de Basso, para a *salutatio matutina* e para o acompanhar na sua visita a umas tantas viúvas. Acontecia, por vezes, que o caminho para a casa do *patronus* era feito em vão:

*9.6 Dicere de Libycis reduci tibi gentibus, Afer,  
continuis uolui quinque diebus Haue.  
‘Non uacat’ aut ‘dormit’ dictum est bis terque reuerso.  
Iam satis est : non uis, Afer, hauere : uale.<sup>11</sup>*

Quando regressaste, Afro, de entre as gentes da Líbia,  
cinco dias a fio te quis dar os ‘bons-dias’.  
‘Está ocupado’ ou ‘a dormir’, duas, três vezes, me disseram de volta.  
Já chega. Não queres os meus ‘bons-dias’, Afro? Então ... ‘boa-noite!’

<sup>10</sup> Várias sátiras de Juvenal (*Sat.* I, III e V) tratam igualmente o tema da condição miserável dos clientes e da arrogância dos patronos.

<sup>11</sup> O poeta contrapõe ao *hauere* o *uale*, isto é, a uma fórmula de saudação (*Haue!*) uma fórmula de despedida final, equivalente a “adeus para sempre” (*Vale!*).

Além da referida *salutatio*, alguns dos *officia* ("deveres")<sup>12</sup> do *cliens* consistiam em abrir caminho, em ruas apinhadas de gente, para o *patronus*, que seguia de liteira, passar em segurança, e em estar presente num processo judicial, ou numa contenda, a apoiar o seu senhor, ou a acompanhá-lo nas suas visitas sociais de cortesia. Em contrapartida, o patrono deveria apoiar o cliente em processos em tribunal e dar-lhe diariamente a *sportula* (em dinheiro ou em géneros) para o seu sustento diário. Em troca dos deveres do patrono, que garantem comida, posição social ou dinheiro, o poeta, cliente e sem dinheiro, apesar de cidadão livre, apenas poderia oferecer a fama conferida pela poesia.

Num outro epigrama, de que registamos apenas alguns versos, retrata-se um *patronus* pouco generoso (11.18, vv. 1-4, 10-11 e 25-27). Por isso, no final, com um jogo de palavras entre *praedium* (traduzido por 'pasto') e *prandium* (traduzido por 'repasto'), o poeta preferia que Lupus lhe desse de comer:

Donasti, Lupe, rus sub urbe nobis;  
*sed rus est mihi maius in fenestra.*  
*Rus hoc dicere, rus potes uocare?*  
*in quo ruta facit nemus Dianae,*  
 [...] *in quo nec cucumis iacere rectus*  
*nec serpens habitare tota possit.*  
 [...]  
*Errasti, Lupe, littera sed una:*  
*nam quo tempore praedium dedisti,*  
*mallem tu mihi prandium dedisses.*

Deste-me, Lupo, um campo à beira da cidade,  
 mas é maior o campo que tenho à janela.  
 Podes em campo falar, um campo chamar-lhe?  
 Se um pé de arruda faz dele o bosque de Diana,  
 [...] se nele não cabe um pepino ao comprido,  
 nem uma serpente lá consegue inteira morar!  
 [...]  
 Erraste, Lupo, e por uma sílaba apenas:  
 pois na altura em que um pasto me deste,  
 um repasto preferia que me tivesses dado!

Não obstante saber-se que o que diz o sujeito epigramático sobre a sua condição de cliente não pode ser visto como retrato da verdadeira situação do poeta, mesmo assim há que considerar tais lamentos como desabafos de quem vive mal na grande capital. Marcial conheceu em pessoa todos os aspectos da vida miserável do cliente e do sistema clientelar, mas as suas condições não eram tão miseráveis como por vezes

<sup>12</sup> *Officium* era o conjunto de deveres a que se obrigavam, pela *fides*, patronos e clientes. "O patronato era um mecanismo de integração social, estabelecendo pontes entre as várias classes sociais por meio de liames de necessidades mútuas" (LEITE, 2003, p. 23). É uma relação assimétrica, pois reúne pessoas de condições sociais diferentes.

as pinta (CITRONI, 2006, p. 876).<sup>13</sup> Viveu durante muito tempo numa casa alugada, tal como as pessoas mais modestas, mas possuía uma herdade nas proximidades de Roma, além de ser também proprietário de uma casa em Roma, pelo menos a partir de 94. Era senhor de alguns escravos e ficou, muito cedo, a pertencer à classe equestre, graças a um tribunato honorário, em reconhecimento pelo livro *De Spectaculis*.

### **Na rua: da *salutatio matutina* à *cena***

Os inúmeros afazeres quotidianos de Marcial, decorrentes do seu dever de *cliens* de vários *patroni* residentes em diversas zonas da cidade, levavam-no a percorrer os vários foros, a cruzar-se com muita gente ou a deter-se ora em espaços atravancados de pessoas e coisas, ora em zonas de passeio e sociabilidade. Entre os espaços privilegiados de interacção social contavam-se o fórum,<sup>14</sup> evidentemente, o *Campus Martius*, os pórticos, os teatros, os locais de exibição dos Jogos circenses, o anfiteatro flávio, as termas.

Dois tempos fortes do dia punham em contacto ricos e pobres: a *salutatio* e a *cena*, a saudação matinal e o jantar, isto é, o início e o final do dia. Sintomaticamente, no epigrama 1.108, o poeta, dirigindo-se a Galo, seu patrono, diz-lhe que, em vez da saudação da manhã, lhe envia o seu livrinho (de poemas) e que, à hora da *cena*, vai passar por casa dele...

Da *salutatio* já se falou. Falemos agora do momento da *cena*, importante por vários motivos: 1) é um espaço privilegiado de convívio e sociabilidade; 2) ser convidado para um jantar era visto como um sinal de distinção; 3) a *cena* pode ser o único momento em que o convidado tem possibilidade de comer.

Acontece que nem sempre o convite para a *cena* surge. E o *cliens*, qual parasita, manifesta todo o desespero de comer em casa. Um dos melhores exemplos de um epigrama que constitui uma espécie de périplo pela cidade, em busca de um (convite para) jantar, é o epigrama 2.14, que fala de Sélio:

<sup>13</sup> Os clientes não são, no geral, pobres e humildes, como parecem dar a entender alguns epigramas de Marcial. "A realidade destes homens é, de facto, complexa, na medida em que, considerando-se demasiadamente nobres para trabalhar, eram, na verdade, suficientemente pobres para não poderem viver sem a ajuda dos ricos." (BAPTISTA, 2009, P. 527).

<sup>14</sup> O *forum* constitui, por assim dizer, o "coração" de toda a cidade romana (ou romanizada), com reflexos evidentes na vida do cidadão. A palavra *forum* está etimologicamente relacionada com *fores*, "porta da casa que abre para o exterior, para fora". Remetendo para a ideia de espaço exterior, começa por significar "cerca que envolve a casa", passando depois a "praça do mercado" e, mais tarde, com a construção de templos, cúrias, tribunais, torna-se o centro da vida religiosa, política e judicial (Martin, 1941, s. u. *fores*, p. 86-88). Roma teve vários *fora*. Durante a permanência de Marcial em Roma, foram construídos os foros de Vespasiano, Domiciano e Nerva. Anteriormente, fora construído o fórum de Júlio César, que comunicava directamente com o antigo; veio depois o fórum de Augusto. Estes três constituíam o *triplex forum* (vd. Graça, 2010, p. 107-108).

Sélio nada deixa de tentar, nada deixa de ousar,  
sempre que se vê obrigado a jantar em casa.  
Corre ao pórtico de Europa e a ti, Paulino, e aos teus  
pés de Aquiles enche de louvores, e sem parar.  
Se a Europa nada ofereceu, dirige-se então aos Septa,  
a ver se o filho de Fílira e de Éson lhe valem.  
Daqui também desenganado, frequenta os templos de Mênfis  
e senta-se nas tuas cadeiras, ó triste novilha:  
daqui dirige-se ao tecto suspenso sobre cem colunas,  
dalí aos dons da generosidade de Pompeio e ao duplo bosque,  
não despreza os banhos de Fortunato e de Fausto  
nem o antro tenebroso de Grilo, nem o eólico de Lupo:  
pois, nas termas, se lava e volta a lavar.  
Quando tudo tentou, mas o deus foi desfavorável,  
já lavado, volta de novo aos buxos da tépida Europa,  
a ver se algum amigo aí toma um caminho tardio.  
Por ti, lascivo raptor, e pela tua amada,  
convida tu Sélio, peço-te, ó Touro, para o teu banquete.<sup>15</sup>

Os locais aqui referidos situam-se no *Campus Martius* (Campo de Marte), uma vasta planície verdejante que se estendia até ao Tibre, local de recreio e desporto preferido pelos Romanos e centro de interacção social privilegiado. Durante a dinastia Flávia contou com uma admirável multiplicidade de avenidas, teatros, banhos públicos, pórticos e jardins. Segundo Brandão (2012, p. 154), o Campo de Marte era “um local onde a sociedade romana era vista nos banhos, nos teatros, nos pórticos, nos templos.” E acrescenta que as “vias, os fora, templos, pórticos, anfiteatros, teatros, circo, termas” constituem “elementos importantes na vida social romana, pois são locais de vida cívica e religiosa, bem como de entretenimento e convívio.” Daí que sejam muitos os epigramas que evocam este lugar. De acordo com Richardson (1992, p. 65-67), cerca de um quarto das referências topográficas presentes na poesia de Marcial (aquedutos, arcos, vias, banhos, templos e teatros) estão localizadas no Campo de Marte. Entre outros edifícios e locais de passeio, como as termas de Agripa, de Nero e de Tito, era possível frequentar o Pórtico de Europa (ornamentava-o um fresco alusivo ao referido rapto) e o *Hecatonstylon*, pórtico de cem colunas mandado erguer por Pompeio Magno, junto ao qual se encontravam o teatro de Pompeio e os bosques adjacentes (vd. 2.14, acima transcrito).

Refira-se, por fim, um outro lugar de eleição dos Romanos, as *thermae*. De acordo com Robert (1986, p. 55), as termas são um enorme lugar de encontro que compreende, além dos banhos, um ou vários ginásios, uma biblioteca, salas de repouso, de conversação. A isto acresce uma multidão de pequenas profissões: vendedores de bebidas ou de alimentos, diversos escultores ou artistas, prática de variados desportos (atletismo,

---

<sup>15</sup> No pórtico de Europa estava um fresco que representava o rapto perpetrado por Júpiter, disfarçado de touro. Se Júpiter convidasse Sélio era sinal de que este morreria...

ginástica, o jogo à bola). Assim, a ida às termas não tinha apenas o objectivo da higiene e bem-estar físico; aí se estabeleciam contactos interpessoais que poderiam favorecer o aparecimento de um convite para jantar. A maledicência romana (o sal romano) não poupou este local, como se vê em 1.23 (os convidados de Cota são encontrados nos *balnea*) e em 2.14, sobre o parasita Sélio. Como se viu, este epigrama é um importante documento ao serviço da reconstrução arqueológica de Roma no tempo dos Flávios, com a referência aos pórticos, aos *Septa*, aos templos de Mênfis, ao *Hecatonstylon*, às termas, aos banhos.<sup>16</sup>

### Alguns epigramas

Terminaremos esta breve deambulação pela cidade de Roma com a transcrição de vários epigramas, que documentam alguns dos tipos que Marcial observou e retratou. A anterior vida agitada do poeta permitiu-lhe conhecer e contactar com os tipos mais estranhos ou as condutas mais risíveis dos Romanos. Deste modo surgiram os inúmeros epigramas que atacam, com humor, médicos, advogados, caçadores de heranças, mulheres feias, homossexuais, plagiários, patronos, parasitas, cortesãs, entre outros.

Assim, em 1.47 e em 6.53, por exemplo, é alvejada a classe dos médicos, vítimas talvez de um preconceito xenófobo, pois que em Roma os médicos eram geralmente de origem grega. No primeiro, a profissão de médico é equiparada à de cangalheiro; no segundo, o poder letal do médico Hermócrates é de tal ordem que mata só de se sonhar com ele:

1.47 *Nuper erat medicus, nunc est uispillo Diaulus:  
quod uispillo facit, fecerat et medicus.*

Ainda há pouco Diaulo era médico, agora é cangalheiro:  
o que faz o cangalheiro, já o tinha feito o médico.

6.53 *Lotus nobiscum est, hilaris cenauit, et idem  
inuentus mane est mortuus Andragoras.  
Tam subitae mortis causam, Faustine, requiris ?  
In somnis medicum uiderat Hermocraten.*

Tomou banho connosco, alegre jantou, e mesmo assim,  
de manhã, foi encontrado morto Andrágoras.  
A causa de tão repentina morte, Faustino, queres sabê-la?  
Em sonhos vira Hermócrates, o médico.

<sup>16</sup> Lembre-se que também o teatro era, juntamente com os Jogos, um local propício de encontro. Como já Ovídio dizia (*Arte de amar*, I, 99), as mulheres iam ao teatro e aos restantes jogos para verem e serem vistas. E Juvenal (*Sat.* VI, 352-356) não deixa de frisar a sedução que os jogos exerciam sobre certas mulheres: "Ogúlnia, para assistir aos jogos, aluga a veste, / o séquito, a liteira, a almofada, as amigas, / a ama e uma raparigueta loura para os recados. / Essa mesma, no entanto, dá de presente aos atletas ungidos de óleo / tudo o que lhe resta dos bens paternos, até à última baixela".

Outro tipo objecto de crítica é o dos caçadores de heranças, que só querem casar com mulheres que evidenciam claramente estar próximo da morte:

10.8 *Nubere Paula cupit nobis, ego ducere Paulam nolo: anus est. Vellem, si magis esset anus.*

Paula quer casar comigo, eu casar com Paula não quero: é velha. Queria, se fosse mais velha.

Neste epigrama, o *fulmen* final é absolutamente inesperado, e condensado na palavra *anus* ('velha'), quando se esperaria exactamente o contrário. Também as mulheres feias ou desinteressantes estão na mira da crítica, como acontece nos seguintes epigramas:

9.10 *Nubere uis Prisco: non miror, Paula, sapisti. Ducere non uolt Priscus: et ille sapit.*

Queres casar com Prisco; não admira, Paula, tens gosto. Casar contigo Prisco não quer: também ele tem gosto.

3.8 *Thaida Quintus amat. Quam Thaida? Thaida luscam. Vnum oculum Thais non habet, ille duos.*

"Quinto ama Taís". "Que Taís?" "Taís, a zarolha". Taís não tem um olho, ele não tem os dois.

10.84 *Miraris, quare dormitum non est Afer? Accumbat cum qua, Caediciane, uides.*

Perguntas-te porque não vai dormir Afro? Bem podes ver, Cediciano, com que mulher está à mesa.

No epigrama que se segue, vemos um marido que se quer ver livre da mulher, mas por interposta pessoa:

4.24 *Omnis quas habuit, Fabiane, Lycoris amicas Extulit: uxori fiat amica meae.*

Todas as amigas que teve, Fabiano, Lícoris levou a enterrar: oxalá se faça amiga da minha mulher.

Nestoutro epigrama, a mulher é criticada por ser demasiado letrada:

11.19 *Quaeris cur nolim te ducere, Galla? Diserta es. Saepe soloecismum mentula nostra facit.*

Perguntas porque não te quero desposar, Gala? És muito literata. E muitos são os erros de gramática que a minha piroca dá!

A piada humorística do dístico radica no uso do termo *soloecismus* (erro gramatical) para sugerir um eventual problema de disfunção sexual.

No epigrama que se segue, um homem afirma não querer casar com uma mulher rica. É que a *uxor dotata* tinha atitudes imperiosas e, em situação de igualdade, tornava-se superior ao homem:

8.12 *Vxorem quare locupletem ducere nolim  
quaeritis? Vxori nubere nolo meae.*

Inferior matrona suo sit, Prisce, marito:  
non aliter fiunt femina uirques pares.

Perguntam porque não quero uma esposa rica  
desposar? Não quero ser esposa da minha esposa.

Que a mulher seja, Prisco, inferior ao seu marido:  
Só assim mulher e homem se tornam iguais.

Oficiais do mesmo ofício nunca se entenderam bem. Críticos e poetas também não. Seguem-se dois epigramas que o documentam:

7.3 *Cur non mitto meos tibi, Pontiliane, libellos?  
Ne mihi tu mittas, Pontiliane, tuos.*

Por que razão não te envio, Pontiliano, os meus livrinhos?  
Para que tu não me envies, Pontiliano, os teus.

Atente-se no paralelismo sintáctico dos dois versos e na forma como se retomam os vocábulos e o próprio nome do destinatário da crítica. Semelhante paralelismo é visível no epigrama que se segue, que mostra como uma ida para o campo podia ser uma forma de escapar a tipos maçadores:

2.38 *Quid mihi reddat ager quaeris, Line, Nomentanus?  
Hoc mihi reddit ager: te, Line, non uideo.*

Perguntas que vantagens me traz, Lino, o campo Nomentano?  
Eis a vantagem que me traz, Lino: não te vejo.

8.69 *Miraris ueteres, Vacerra, solos  
Nec laudas nisi mortuos poetas.  
Ignoscas petimus, Vacerra: tanti  
Non est, ut placeam tibi, perire.*

Só os velhos, Vacerra, admiras  
e só louvas os poetas mortos.  
Desculpa lá, Vacerra, mão não vale a pena,  
só para te agradar, morrer.



Nos dois epigramas que se seguem, retoma-se o tema da *cena* e do convite que não chega, por motivos diversos:

6.51 *Quod conuiuaris sine me tam saepe, Luperce,  
Inueni noceam qua ratione tibi.  
Irascor: licet usque uoces mittasque rogesque –  
'Quid facies ?' inquis. Quid faciam? Veniam.*

Já que amiúde, Luperco, dás banquetes sem mim,  
encontrei o modo de te tramar.  
Ofendo-me: podes até mandar convites e emissários e súplicas...  
'Que vais fazer?' – perguntas. Que vou fazer? Aceitar.

1.23 *Inuitas nullum nisi cum quo, Cotta, lauaris  
et dant conuiuam balnea sola tibi.  
Mirabar quare numquam me, Cotta, uocasses:  
iam scio me nudum displicuisse tibi.*

Não convidas para jantar, Cota, senão um companheiro do banho  
e só os balneários te fornecem os convidados.  
Admirava-me eu, Cota, porque nunca me convidavas:  
agora sei que eu, nu, não te agradei.

Finalmente, um epigrama a respeito de um viúvo rico:

2. 65 *Cur tristiozem cernimos Saleianum?  
'An causa leuis est?', inquis, 'extuli uxorem.'  
O grande fati crimen ! O graue casum !  
Illa, illa diues mortua est Secundilla,  
centena decies quae tibi dedit dotis ?  
Nollem accidisset hoc tibi, Saleiane.*

Por que razão vemos Saleiano tão triste?  
"Achas que não tenho razão?", dizes. "Levei a minha mulher a enterrar"  
Ó grande crime do destino! Ó forte desventura!  
Morreu, morreu a rica Secundila,  
que te deixou em dote dez milhões de sestércios?  
Pesa-me que tal te tenha acontecido, Saleiano.

Uma vez mais, o veneno concentra-se no último verso, de significado ambíguo. Esperar-se-ia que o sujeito epigramático endereçasse os pêsames a Saleiano, pela sua recente viuvez – e assim pode ser entendido o verso final; mas esse mesmo verso admite uma outra leitura, maliciosa, porquanto parece lamentar que Saleiano tenha recebido, pela morte da mulher, tão grande herança...

Em suma, Marcial tinha esta capacidade de pôr a nu, em poucos versos, os reais motivos que justificavam certas atitudes singulares. A leitura dos seus epigramas mostra que muito do que se vê é pura aparência. A realidade é outra.

Terminemos com um epigrama, dirigido por Marcial ao seu grande amigo homónimo, Júlio Marcial, no qual o poeta exprime, com inquestionável sinceridade, o que, em seu entender, torna a vida feliz. Em suma: um sereno e moderado *carpe diem*, uma vida simples, sem necessidades nem ambições desmedidas, sem cuidados de maior, vivida na companhia de “amigos de igual condição”, *pares amici* (v.7), exactamente o oposto da situação que longos anos vivera em Roma, como *cliens* de *patroni* altivos. Diz então (10.47):

*Vitam quae faciant beatiorem,  
iucundissime Martialis, hae sunt:  
res non parta labore sed relictas;  
non ingratus ager, focus perennis;  
lis numquam, toga rara, mens quieta;  
uires ingenuae, salubre corpus;  
prudens simplicitas, pares amici;  
conuictus facilis, sine arte mensa;  
nox non ebria, sed soluta curis;  
non tristis torus, et tamen pudicus;  
somnus qui faciat breues tenebras;  
quod sis esse uelis nihilque malis;  
summum nec metuas diem nec optes.*

Estes são, caríssimo Marcial, os bens  
que tornam a vida mais feliz:  
uma fortuna obtida não por trabalho, mas por herança;  
um campo não estéril, uma lareira sempre acesa;  
processos, nunca; a toga, raramente; a paz de espírito;  
um vigor de nascença, um corpo saudável;  
uma prudente lisura, amigos de igual condição;  
uma convivência fácil, uma mesa sem artifício;  
um serão não ébrio, mas livre de cuidados;  
um leito nupcial não austero, e contudo honrado;  
um sono que torne breves as trevas;  
querer ser o que se é, sem outra coisa preferir;  
o derradeiro dia não temer nem desejar.

Este epigrama foi escrito da Hispânia e, de certo modo, traz implícita a contraposição entre a vida urbana e a vida rústica – uma realidade comum a vários autores da época, nomeadamente Plínio-o-Moço (*Ep.* 1.9) e Juvenal (*Sátira* 11). No epigrama 12.18, dirigido ao amigo Juvenal, poeta e *cliens*, contrasta a difícil vida do poeta satírico com a sua, agora em BÍlbilis, onde “gozo de um sono descaradamente longo / que, amiúde, nem a terceira hora quebra, / e agora me desforro por inteiro / de quanto eu não dormi uns bons trinta anos” (vv. 13-16). E termina (v. 26):

*Sic me uiuere, sic iuuat perire.  
Assim me apraz viver, assim me apraz morrer.*

Se é verdade que “a visão que o poeta nos oferece de Roma, dos seus espaços, das suas gentes, dos seus costumes e maneiras de ser e sentir a realidade urbana é sempre perspectivada sob o olhar de um provinciano oriundo de terras hispânicas” (GRAÇA, 2010, p. 51), então não é de estranhar que tenha querido regressar ao sossego da sua terra natal. Todavia, emigrante na capital do império e regressado à casa, nunca deixou de ver a Cidade como centro de elegância e de prazer, de cultura e de educação, centro de dimensão monumental, a *maxima Roma, a domina Vrbs* (12.21.9).

## Referências

### Documentação textual

MARCIAL. *Epigramas*. Tradução de Delfim Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira, com Introdução (geral) e notas de Cristina de Sousa Pimentel. Lisboa: Edições 70, 2000 (vols. I e II), 2001 (vol. III) e 2004 (vol. IV).

MARTIAL. *Épigrammes*. Texte établi et traduit par H. J. Izaac. Paris: les Belles Lettres, 1969 (Tome I) e 1973 (Tome II).

### Obras de apoio

BAPTISTA, D. M. S. *O Burlesco e o Satírico na obra de Marcial e Juvenal*. Tese (Doutorado em Literatura Latina) – Programa de Pós-Graduação em Linguas e Culturas da Universidade de Aveiro, Aveiro, 2009.

BRANDÃO, J. L. Marcial e a Urbe: O meio físico e histórico-social dos Epigramas. In: PIMENTEL, C., BRANDÃO, J. L.; FEDELI, P. (Coords.). *O poeta e a cidade no mundo romano*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2012, p. 135-161.

CARCOPINO, J. *A vida quotidiana em Roma no apogeu do Império*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, s.d.

CASTAGNOLI, F. Roma nei versi di Marziale. *Athenaeum*, n. 27, p. 67-78, 1950.

CAVACO, L. M. S. *Juvenal, Saturae*. Tipos e Vícios. Dissertação (Mestrado em Literatura Latina) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

CITRONI, M. et al. *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa: F.C.G., 2006.

CONTE, G. B. *Letteratura Latina*. Manuale storico dalle origini alla fine dell'impero romano. Firenze : Le Monnier, Nuova Edizione, 1995 [1987].

GRAÇA. I. V. C. *Roma na poesia de Marcial: Imagens e ecos de um espaço físico e social*.

- Tese (Doutorado em Literatura Latina) – Programa de PósGraduação em Linguas e Cultura da Universidade de Aveiro, Aveiro, 2010.
- IZAAC, H.J., In: MARTIAL. *Épigrammes*. Texte établi et traduit par H. J. Izaac. Paris: les Belles Lettres, 1969 (Tome I) e 1973 (Tome II).
- KARDOS, M. J. L' 'Vrbs' de Martial. Recherches topographiques et littéraires autour des Épigrammes V, 20 et V, 22. *Latomus*, n. 60, p. 387-413, 2001.
- LAURENS, P. *L'abeille dans l'ambre*. Célébration de l'épigramme de l'époque alexandrine à la fin de la Renaissance. Paris: Les Belles Lettres, 1989.
- LEITE, L. R. *Marcial e o livro*. Vitória: EDUFES, 2011.
- \_\_\_\_\_. *O patronato em Marcial*. Dissertação (Mestrado em Línguas Clássicas) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- MARTIN, F. *Les mots latins*. Paris : Librairie Hachette, 1941.
- MEDEIROS, W. O Poeta que buscava um Amor. *Biblos* n. 64, p. 1-15, 1988.
- PESANDO, F. *Libri e biblioteche*. Roma: Edizioni Quasar di Severino Tognon, 1994.
- PIMENTEL, M. C. C.-M. A Roma dos Flávios: gente e sentimentos nos 'Epigramas' de Marcial. In: Pimentel, C., BRANDÃO, J. L. & FEDELI, P. (Coords.) *O poeta e a cidade no mundo romano*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2012, p. 121-133.
- \_\_\_\_\_. Teatro, actores e público no Alto Império romano. In: BRASETE, M. F. (Coord.) *Máscaras, vozes e gestos: nos caminhos do teatro clássico*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2001, p. 329-348.
- PIMENTEL, M. C. C.-M. 'Barbam uellere mortuo leoni'. In: MORA, C. M. (Coord.) *Sátira, paródia e caricatura: da Antiguidade aos nossos dias*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2003, p. 179-198.
- PIMENTEL, C. S.; LEÃO, D. F.; BRANDÃO, J. L. (Coords.). 'Toto notus in orbe Martialis'. Celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte. Coimbra; Lisboa: Universidade de Coimbra; Universidade de Lisboa, 2004.
- ROBERT, J.-N. *Les plaisirs à Rome*. Paris : Les Belles Lettres, coll. "Realia", 1986.
- TORRÃO, J. M. N.; ANDRADE, A. M. L. Os labirintos da cidade: Marcial em Roma. *Ágora - Estudos Clássicos em Debate*, n. 10, p. 63-80, 2008.
- TORRÃO, J. M. N.; COSTA, J. M. Inveja e Emulação em Marcial: A vida e os seus costumes temperados com sal Romano! In: PEREIRA, B. F.; DESERTO, J. (Orgs.). *Symbolon II. Inveja e Emulação*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010, p. 103-124.